

As Vísceras do Verbo

Resenha do livro *Uma Duas*, de Eliane Brum

Escrito por Guilherme Makoto

Existe, dentre as aclamadas obras de Eliane Brum, um curioso romance ficcional. A renomada jornalista, escritora e documentarista, que sempre destilou sua poesia através dos fatos e personagens da realidade, agora debruça suas tão conhecidas habilidades com a prosa sob uma narrativa, no mínimo, visceral.

Uma Duas, publicado em 2011 pela Leya, conta a história de uma filha que luta, com todas as suas forças, se desprender do corpo da mãe. No entanto, a história não se passa no momento do nascimento. Laura, a filha, tem 40 anos. Está em seu apartamento quando, repentinamente, o telefone toca. É a “Alzira-do-centro-espírita” trazendo uma notícia desconcertante. O apartamento da mãe de Laura está trancado e ninguém atende aos chamados de Alzira. A vizinha suspeita de que algo tenha acontecido e apela para que Laura venha descobrir o que está havendo.

A cena seguinte dá o tom do livro: Quando Laura chega até ao apartamento da mãe e destranca a porta, ela se depara com um corpo estirado no chão. A mãe está ali, coberta de fezes e urina, ainda viva, clamando por ajuda.

A queda foi causada pelo precário estado de saúde da senhora e, agora, Laura terá de cuidar da mãe para que a mesma se recupere. E aqui mãe e filha dão início a sua jornada. Ambas personagens complexas, carregadas de traumas e cicatrizes latentes.

A força da prosa de Eliane se dá principalmente nas representações do amor e do ódio, sentimentos que permeiam a relação das duas mulheres e estabelecem a temática da narrativa: A busca pela liberdade. Leitores mais sensíveis podem sentir dificuldade ao navegar pelas cenas de automutilação, estupro e outras de qualidade arrebatadora.

Porém, que fique claro: O sangue e as vísceras retratados em muitas das passagens fazem parte da proposta. Não são imagens gratuitas. As etapas e símbolos revelam profundidade ao se conectar com os ecos da dor existente no ato de parir e no de escrever, ambas dores que desaguam em liberdade.

Grande parte do livro é narrado em primeira pessoa por Laura através de seu diário. Mas somos surpreendidos quando a mãe da personagem passa a escrever, no mesmo caderno, relatos sobre seu ponto de vista dos acontecimentos. Figuram sequências em que o passado ganha camadas profundas, e, o leitor, que mesmo após

presenciar tantas violências cometidas pelos dois lados da moeda, desperta certo afeto por Laura e sua mãe.

A última página merece um destaque à parte. No fim da jornada Laura assume a dificuldade em escrever a própria história, rompendo os limites da narrativa. Momento em que Eliane dialoga com o leitor através das palavras da personagem.

As impossibilidades da literatura são reveladas e coloca-se o projeto de parto/libertação, representado pelo próprio livro em si, como insucesso. Um fracasso que buscou retratar este sentimento que vive entre a maternidade e a fúria; Entre o amor e o ódio.

Como disse o *rapper* Criolo, o verbo é falho. Porém, parece ser divina a tentativa de projetá-lo. Cá estamos, mais uma vez, diante de uma obra muito bonita da mestra Eliane.